

ALUMÍNIO NA FENAF

A Revista da ABIFA entrevistou expositores da FENAF envolvidos com o segmento de alumínio.

Por Cristina Marques de Brito

Nos últimos 10 anos o mercado de fundidos de alumínio cresceu em média cerca de 6,3% ao ano e o setor automotivo (considerando automóveis e comerciais leves) 6,4% ao ano. Isto significa que nesse período a fundição de alumínio teve um crescimento equivalente ao setor automotivo que absorve atualmente 73% da produção total de alumínio. Sendo assim, o alumínio é nada mais que uma promessa para a indústria automotiva e principalmente para o setor de fundição, tornando-se o metal que melhor vai prosperar, ainda mais com a substituição dos blocos de motores de ferro para motores de alumínio, pelas montadoras, motivando ainda mais a indústria de fundição de alumínio.

A Revista da ABIFA conversou com os expositores da FENAF, que de alguma maneira tenham envolvimento com o metal alumínio, e os mesmos, nos deixaram seus posicionamentos, referente aos seus negócios.

FMP – Como analisam a indústria de alumínio em 2013, e qual a expectativa em relação ao próximo ano? (Considere os fatores: Produção, Faturamento, Investimentos previstos e realizados)

PICHININ – MAURI

Em termos de produção, estimamos volume estável, assim como volume de faturamento. Investimentos em renovação do parque, com troca de máquinas e implementação de automatização.

PRESMAK – LÉO

Uma palavra traduz minha opinião, referente ao nosso setor: "SOFREDOR". Este ano é um ano de recuperação, já que 2012 foi um ano lamentável.

Com relação a 2014 acredito que não deve ser muito diferente de 2013, com até um pequeno crescimento de 2%.

A baixa lucratividade impede muitas empresas de realizar significativos investimentos, apenas uma minoria está investindo, embasadas em estratégias robustas de crescimento.

TEKSID – RANIERO

O crescimento este ano na nossa fábrica de alumínio será da ordem de 40% com relação ao ano passado.

Devido ao aumento da demanda, estamos com um forte plano de investimentos para aumentar nossa capacidade produtiva.

BRABANT – BERND

2013 foi um ano com forte aceleração em seu início e uma acomodação dos volumes no 3º trimestre, e uma leve queda no 4º trimestre. A Brabant vai investir, em 2014, apenas em melhorias dos equipamentos produtivos, e não vai investir em aumentar a capacidade.

ABAL – FILLETI

Em um todo a indústria de alumínio em 2013 foi bem razoável, levando em conta que nós estamos estimando um crescimento de 4%.

No total em 2012, o consumo do alumínio semi-acabado foi de 1.428.000 ton., e estimamos para terminar 2013 com 1.486.000 ton., ou seja, teremos um crescimento de 4%. Essa é a nossa visão, por isso eu diria que foi positivo o crescimento em termos de consumo de alumínio, a demanda.

Não posso falar em nome da ABAL, quanto a indústria de alumínio crescerá, pois ainda não temos essa estimativa pronta, mas deve ser positivo, pois estamos com uma demanda muito interessante, na área de alumínio destinado a construção civil, e também na área de transporte - muito ligada a fundição - mas a expectativa é boa, pois algumas peças em ferro fundido estão sendo substituídas por alumínio. Então isso significa que deverá haver um crescimento grande na área de fundidos.

Por isso, o ano da Copa do Mundo deve ser interessante para a indústria de alumínio, sem dúvida.

FMP - Houve desenvolvimento de novos negócios ou aumento da demanda dos clientes tradicionais em 2013?

PICHININ – MAURI

O volume se manteve estável, no patamar do ano de 2012.

PRESMAK – LÉO

De maneira geral o setor está reclamando a falta de novos negócios, já para a Presmak este ano está muito bom. Nossa base de atuais clientes recuperou as quedas registradas em 2012. E os novos negócios estão superando nossas expectativas, entretanto, o reflexo destes novos negócios somente será colhido em 2014.

TEKSID – RANIERO

Sem dúvidas. Fora o aumento da demanda pelas peças que produzimos atualmente, conseguimos fechar novos negócios que aumentarão as vendas significativamente nos próximos anos.

BRABANT – BERND

Sim.

ABAL – FILLETI

O setor de transporte é muito importante, e sem dúvida, houve crescimento neste segmento. No primeiro semestre de

2013, a forma de venda do alumínio primário no consumo doméstico é em chapa de alumínio, e muito dessa chapa é destinada a embalagem e transporte.

Os dois maiores mercados são chapa com 38%, extrudados com 25%, e fundidos em alumínio com 15%, agora nessa parte de transporte em termos de consumo por segmento. embalagem é de longe o mercado mais importante, muito alavancado pelas chapas de bebidas carbonatadas (chapas de latas em alumínio), 30% do total do primeiro semestre foi para a embalagem de alumínio. Para o transporte 21% e a construção civil com 16%. Portanto, volto a repetir que 2014 é um ano favorável, principalmente para estes setores.

FMP - Em sua participação na 15ª Feira-Latino Americana de Fundição – FENAF, quais foram as novidades apresentadas por sua empresa?

PICHININ – MAURI

Modernização de fábrica.

PRESMAK – LÉO

Para Presmak a FENAF foi muito interessante, já que estamos em um processo de forte crescimento, com significativos investimentos, tanto no quadro de funcionários, como na aquisição de novas injetoras. Tivemos um aumento de nossa área de usinagem, na qual deverá ser ponto de destaque nos próximos três anos. Além da consolidação do processo em Gravidade que vem despertando muito interesse do mercado, o qual é carente de novidades.

Estes investimentos estão baseados em oferecer para o mercado equipamentos de última geração com ênfase na automatização que vão permitir a prática de preços mais competitivos.

TEKSID – RANIERO

No caso do alumínio, além das peças que produzimos atualmente (cabeçotes para automóveis), trouxemos peças de nossa matriz na Itália com um conteúdo tecnológico muito avançado. Por exemplo, apresentamos um cabeçote de dois cilindros com coletor integrado.

Acreditamos que em breve os motores produzidos no Brasil também terão cabeçotes com coletores integrados, portanto, achamos oportuno mostrar ao mercado que já estamos tecnicamente preparados para o desenvolvimento deste tipo de peça.

BRABANT – BERND

Peças estruturais e de suspensão em alumínio e magnésio, produzidos nas empresas do grupo.

ABAL - FILLETI

A participação da Abal na FENAF é apenas institucional. Infelizmente não pude estar presente, pois estava em viagem, mas me garantiram que a feira foi um sucesso.

FMP - Em relação a 2013 a taxa cambial teve uma elevação. Você considera esse patamar do dólar adequado a seu empreendimento ou aquém? Comente.

PICHININ – MAURI

O câmbio entre 2,10 e 2,20 tem se mostrado razoável.

PRESMAK – LÉO

A taxa cambial é um fator que pode ajudar na melhora do setor como um todo, mas acredito que independente da taxa, temos que tornar nosso negócio atrativo com soluções tais como: aumento da profissionalização das empresas, foco e controle de custos e processos, garantindo o reconhecimento dos outros setores, e assim, evitando ser refém de uma taxa cambial.

TEKSID – RANIERO

No caso da nossa fundição de alumínio, ainda não exportamos nenhum produto. Estamos focados em atender o mercado interno (pelo menos por enquanto) onde há um forte aumento da demanda.

BRABANT – BERND

Ficar ruim para importar equipamento de fora do país, porém ficou bom para frear as importações de peças.

FMP - Como enxerga seu mercado no Brasil comparado ao mercado internacional. Somos competitivos?

PICHININ – MAURI

Temos uma situação extremamente desfavorável, em termos de custos de produção. Os entraves, principalmente, em nossos sistemas tributário e trabalhista nos tiram toda competitividade. Hoje somos mais caros que a Europa e os USA.

"No total em 2012, o consumo do alumínio semi-acabado foi de 1.428.000 ton., e nós estamos estimando para terminar 2013 com 1.486.000 ton., ou seja, teremos um crescimento de 4%."

PRESMAK – LÉO

O mercado brasileiro há muito tempo sofre com a falta de competitividade, falta uma política industrial adequada, incluindo o excesso de impostos que é um problema.

Mas também este círculo vicioso nos acostumou a reclamar de tudo, e está na hora de fazer a nossa lição de casa e melhorar nossos processos, não será fácil, mas temos que trabalhar mais, o prêmio de tudo será a sobrevivência das empresas, entretanto, mais robustas e capacitadas.

TEKSID – RANIERO

Acredito que com este novo patamar de câmbio podemos voltar a ser competitivos no exterior. Porém, temos que ficar atentos para que a inflação do mercado interno (aumento de mão de obra, energias, etc.) não prejudique a competitividade da indústria nacional como um todo.

BRABANT – BERND

Não somos mais competitivos por altos custos de mão de obra, logística, insumos e uma alta carga tributária. Também as empresas investem pouco em melhorias, Lean e 6 Sigma para otimizar os processos.

ABAL – FILLETI

Avaliando um todo somos competitivos sim. Quando eu digo que somos competitivos são dois vieses, tecnológico e custos também. Mas o nosso grande problema em termos de competição é a China, que é uma destruidora de mercado, seja qual for o segmento eles são uma ameaça. Pois colocam no mercado um preço muito abaixo do que nós fabricamos.

Mas de uma forma geral, estamos muito bem servidos de produtos em alumínio produzidos no Brasil, e os mais sofisticados são as chapas em alumínio para bebidas, a indústria de alumínio tem competência para fazer isso e muito mais. ☑